



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**O TEATRO E SUAS POSSIBILIDADES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

THAISA RAQUEL CABRAL DE FRANÇA

**O TEATRO E SUAS POSSIBILIDADES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia oferecido pela
Universidade Estadual da Paraíba como um dos pré-requisitos
para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Adalgisa Rasia

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F814t França, Thaísa Raquel Cabral de.

O teatro e suas possibilidades no desenvolvimento da criança da educação infantil [manuscrito] / Thaísa Raquel Cabral de França. - 2015.

50 p. nao

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Adalgisa Rasia, Departamento de Educação".

1. Educação infantil. 2. Teatro. 3. Desenvolvimento infantil.
I. Título.

21. ed. CDD 372.21

THAISA RAQUEL CABRAL DE FRANÇA

**O TEATRO E SUAS POSSIBILIDADES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia oferecido pela
Universidade Estadual da Paraíba como um dos pré-requisitos
para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Adalgisa Rasia

Aprovado em: 18 / Junho / 2015

BANCA EXAMINADORA

Adalgisa Rasia

Prof.^a. Ms. Adalgisa Rasia

Orientadora – UEPB

Maria de Lourdes Cirne Diniz

Prof.^a. Ms. Maria Lourdes Cirne Diniz

Examinadora - UEPB

Ruth B. Araújo Ribeiro

Prof.^a. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

Examinadora - UEPB

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha mãe Lucia Cabral (*In Memoriam*), ao meu irmão Pablo Radamés exemplo de perseverança. A minha tia Lourdinha, ao meu filho Ravi e esposo Jânio. A minha amiga Bruna que infelizmente não conseguiu terminar o curso, pois Deus tem outros planos para ela.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao nosso Pai eterno, que não nos desampara nunca e me deu a graça da vida. Ele que renova a felicidade e a força de nossa família a cada dia mesmo diante das dificuldades.

Um intenso obrigada, a minha família, mas em especial a minha mãe Lúcia Cabral (*In Memoriam*), mulher guerreira que me espelha em sua insistência em fazer arte como alimento da alma. Ao meu irmão Pablo por me estimular sempre na caminhada acadêmica sem me deixar desistir. A minha tia Lourdinha, por me orientar como mãe, e tirar minhas dúvidas em relação aos conhecimentos pedagógicos. Ao meu filho Ravi e esposo Jânio pela paciência e compreensão diante dos meus estresses e da minha ausência em muitos momentos. Ao meu pai José de França, pelos ensinamentos na minha infância.

Agradeço também a minha amiga Bruna Stefanny (*In Memoriam*) pelo companheirismo em momentos difíceis do nosso curso, e que apesar do pouco tempo de nossa amizade, tive a oportunidade de entender a intensidade do amor a seus filhos, e do amor à vida.

Ao apoio dado por minha amiga Viviane Almeida, nos últimos períodos do curso, que não me deixou desistir quando eu pensava não conseguiria.

O meu muito obrigada a professora Adalgisa Rasia, por seu empenho e paciência durante a construção deste trabalho, se dedicando e compreendendo os percalços que o destino colocou em minha vida nos últimos meses.

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.”

Charles Chaplin.

RESUMO

O trabalho acadêmico orientado apresenta uma reflexão sobre a educação infantil e a utilização do teatro como proposta pedagógica. O teatro surge desde os primórdios da história humana, estando presente em rituais religiosos ou celebrações festivas, entretanto, como ferramenta educacional no Brasil, tem início no século XVI, através do ensino religioso, onde os Jesuítas se utilizavam das técnicas para catequizar os indígenas. Assim, a relação entre o teatro e a educação perdura-se até hoje. Atualmente as dramatizações acontecem nas escolas em festividades de datas comemorativas e culminância de projetos, porém o teatro vai mais além, é uma possibilidade da criança expressar suas emoções e desenvolver aspectos motores através do movimento corporal, cognitivos e afetivos. Buscamos compreender a relação teatro X educação infantil através dos autores KRAMER (2001), REGO (1995), REVERBEL (1997) e CARTAXO (2001) e de que maneira o teatro contribui para o desenvolvimento da criança. A pesquisa de campo permitiu conhecer a realidade de duas instituições de educação infantil, uma pública e uma privada em que foram os seus professores os sujeitos alvo da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Teatro. Aprendizagem.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I	35
QUADRO II	37
QUADRO III	39
QUADRO IV	41
QUADRO V	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL NOS SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS, POLÍTICOS E PSICOLÓGICOS	11
1.1 Aspectos Históricos	12
1.2 Aspectos Políticos da Educação Infantil	14
1.2.1 Constituição de 1988	15
1.2.2 Lei de Diretrizes de Bases	16
1.2.3 Estatuto da Criança e do Adolescente	17
1.2.4 Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil	18
1.3 Aspectos pedagógicos do desenvolvimento Infantil.....	19
1.3.1 Contribuição de Piaget para a compreensão da criança.....	19
1.3.2 Contribuição de Wallon para o desenvolvimento Infantil	21
1.3.3 Contribuição de Vygotsky	23
CAPÍTULO II	
O TEATRO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL	25
2.1 A expressão da corporeidade da criança	25
2.2 Formas de desenvolvimento Infantil através do Teatro	27
METODOLOGIA	32
Caracterização	32
Sujeito	32
Coleta de dados	32
Análise dos dados	33
RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXO	49
ANEXO 1 – Questionário aplicado com as professoras	50

INTRODUÇÃO

A educação é o principal caminho para o desenvolvimento e formação da criança enquanto ser social. A identidade do indivíduo se forma nos primeiros anos de sua vida, esta formação acompanhará por toda a sua vida, é claro, sujeita a transformações ao longo do caminho diante das interações com as estimulações educacionais as quais estará envolvido.

A educação infantil é uma fase decisiva para a criança no processo de construção do ser. Embora, existe alguns preconceitos a respeito acreditando que a criança pequena só frequenta escolas e creches para “brincar” ou se apropriam do atendimento nas instituições de forma assistencial, a educação infantil é a base para a vida escolar, ela dará subsidio às próximas fases da educação. Assim, podemos dizer que ela é a “base da base”, pois é onde tudo se inicia neste ser em desenvolvimento.

O presente trabalho visa provocar nos profissionais da educação infantil a reflexão voltada ao tema “O teatro e suas possibilidades no desenvolvimento da criança da educação infantil”, instigando-os a novos horizontes educacionais, não por ser “novo a utilização do teatro na escola, pois não é, mas por mostrarmos aqui maneiras diferentes de trabalhar essa arte dramática tão popular no ambiente escolar”.

Dentre os aspectos históricos, sociais e pedagógicos, o presente trabalho acadêmico vem enfatizar a importância da educação infantil no processo educacional.

No primeiro capítulo, exporemos em pouco da história da educação infantil, a luta por sua implementação no Brasil e por ser reconhecida e incluída na educação básica, discussão esta, fundamentada em documentos e leis que regem e definem os direitos, deveres, conteúdos e objetivos acerca da criança como sujeito em constante construção.

O segundo capítulo defende o teatro como ferramenta pedagógica, um recurso metodológico a ser usado diariamente em sala de aula. Traremos também um leque de possibilidades que o teatro oferece em suas diversas técnicas como a mímica, o teatro de improviso e o teatro de bonecos, além de tratar do favorecimento de cada uma delas para a educação das crianças pequenas.

Apresentamos neste estudo uma pesquisa em duas instituições de ensino, uma pública e uma particular, dando voz ao professor, discutindo acerca das contribuições e desafios de trabalhar o ensino do teatro no meio escolar.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL NOS SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS, POLÍTICOS E PSICOLÓGICOS

O atendimento às crianças pequenas (0 a 5 anos) no Brasil tem início no século XIX, sendo este com intenções educacionais e instrucionais, pois antes disso já existiam instituições voltadas para a criança, porém funcionavam apenas de forma assistencialista para aquelas crianças abandonadas na rua e para os pequenos que eram órfãos, ou mesmo aqueles de famílias pobres que fugiam da precariedade e marginalização. Tal serviço visava apenas o cuidar da saúde dos pequenos. As primeiras iniciativas referentes a criança surgiram de grupos isolados. Kramer (2001, p. 49), afirma que:

“as primeiras iniciativas voltadas à criança partiram de higienistas e se dirigiam contra a alarmante mortalidade infantil, que era atribuída por eles a duas causas. Uma delas dizia respeito aos nascimentos ilegítimos, fruto da união entre escravos ou destes com os senhores”.

No entanto, durante a década de 20, com o surgimento do movimento da Escola Nova e as transformações sociais, políticas e econômicas que aconteciam no Brasil, a sociedade passa a ter uma nova visão em relação a criança. Um grupo de intelectuais brasileiros consideravam a educação como elemento chave para que a sociedade acompanhasse tais transformações que estavam acontecendo. Segundo Kramer (2001, p. 55) a “educação significativa possibilitava possibilidade de ascensão social e era defendida como direito de todas as crianças, consideradas como iguais”. Assim, nos anos seguintes o Estado passa a ver a criança como o cidadão do amanhã, e a entende que o “atendimento sistemático às crianças significava uma possível utilização e cooptação destas em benefício do Estado” (2001, p. 56). A valorização da educação dos pequenos vai sendo acentuada durante a década de 30.

É importante enfatizar que as ideias pedagógicas voltadas para a educação infantil, surgem a partir de influências europeias utilizando métodos criados por Maria Montessori e propostas pedagógicas de Ovide Declory.

Neste sentido, é importante realizar um resgate a história da Educação Infantil, assim como reconhecer as Políticas Públicas deste ensino e direcionar também para os aspectos sociais, bem como os aspectos psicológicos que permitem conhecer a criança em seu desenvolvimento geral.

1.1 Aspectos Históricos

Por muito tempo a educação da criança pequena era considerada de única responsabilidade da família, os membros deveriam além de cuidar, educar para que o sujeito, ainda em crescimento, pudesse ser inserido na sociedade, seguindo regras de convivência social e estando preparado para a vida adulta e para os desafios que tal fase apresenta (BUJES, p.13, 2001). Nesta época não existiam instituições que oferecessem um compartilhamento da educação da criança pequena entre a família, a comunidade da qual estava inserida e a escola, pois a sociedade ainda não tinha a visão de que poderia haver algo além de uma “educação doméstica”, desconhecendo a importância da contribuição da escola para o desenvolvimento da criança em seus vários aspectos.

Com a sociedade se modificando, ela passou a ter um olhar diferenciado em relação à criança. Em meados do século XVI e XVII surge um novo pensamento pedagógico moderno, idealizando formas de tratar a educação infantil de uma nova maneira. A educação infantil passa a ser vista por outro viés, valorizando esta etapa da vida que é a base para o processo de formação do ser humano. Para que essa escola moderna fosse criada, segundo Bujes (2001), havia algumas condições fundamentais a serem seguidas:

“... uma nova forma de encarar a infância, que lhe dava um destaque que antes não tinha; a organização de espaços destinados especialmente para educar crianças, *as escolas*; o surgimento de especialistas que falavam das características da infância, da importância deste momento da vida do sujeito e de como deveriam se organizar as aulas, os conteúdos de ensino, os horários, distribuir recompensas e punições, enfim estabelecer o que e como ensinar; e, também, uma desvalorização de outros modos de educação da criança antes existente.” (BUJES, 2001, p.14)

Com a revolução industrial, a sociedade passou a exigir da mulher mais independência financeira tornando-a mais moderna. Ela passou a sentir a necessidade de trabalhar, dessa vez não em casa, procurou se inserir no mercado de trabalho buscando ali seu espaço. Diante de tais acontecimentos, a estrutura familiar toma nova forma que se distingue da família padrão, onde a criança convive com vários adultos da família sendo todos responsáveis por sua educação doméstica. Essas mulheres independentes e mães que não estão mais tão presentes na educação de seus filhos como nos tempos anteriores, passam a necessitar de auxílio no que se diz respeito a educação deles. Apesar de já haver escolas para crianças, ainda não existia instituições especializadas para atender as necessidades das crianças pequenas.

É a partir daí que as creches e pré-escolas surgem com o intuito de dar a criança uma base que foi perdida em seu lar por motivo dessa mudança social, da nova estrutura familiar que o capitalismo impôs nesse período. Outro ponto a ser tratado, e não menos importante é que a criança era vista como uma “*ameaça ao progresso e a ordem social*” (BUJES, 2001), principalmente aquelas de baixa renda, a ideia era afastá-la de um meio hostil, em relação aos padrões na era capitalista, corrigindo-a e disciplinando-a pra se tornar um ser útil a sociedade. Kramer afirma que:

“ A segunda Guerra Mundial provocou um novo impulso ao atendimento pré-escolar, voltando-se principalmente para aquelas crianças cujas mães trabalhavam em indústrias bélicas ou naquelas em que substituíam o trabalho masculino. Devido a seu caráter de urgência, esse movimento assumiu proporções numéricas bastante elevadas e trouxe duas contribuições importantes para o âmbito da educação pré-escolar. Por um lado, foi introduzido o conceito de *assistência social* para crianças pequenas [...]. por outro lado, foi despertado o interesse por novas formas de atuação com crianças cujas famílias passavam agora por situações antes desconhecidas [...]. Surgia, assim, a preocupação com as necessidades emocionais e sociais das crianças.” (KRAMER, 2001. p. 27)

Com a expansão das escolas para as crianças pequenas, no século XIX na Europa e em meados do século XX no Brasil, essas instituições sofrem influência também dos médicos higienistas e dos psicólogos, que traçaram perfis estritos de padrões das crianças em relação ao que é ser normal ou patológico, de forma preconceituosa. Como consequência destes perfis, passou a acontecer muitos atos de discriminação pelo fato de não se tolerar a convivência com as crianças consideradas diferentes, acontecendo assim a exclusão das crianças especiais. Diante de tais práticas Bujes (2001, p.14) afirma que “*um exemplo disso é a discriminação sofrida pelas crianças denominadas de “excepcionais”, consideradas por longo tempo incapazes de certas aprendizagens e de adaptação a grupos de crianças ditas “normais”*”.

Durante muito tempo, a escola voltada para a infância, tinha a visão do educar para a submissão, controlando os horários e a rotina de forma rígida e ainda trabalhando de forma que as crianças tivessem uma escolarização precoce, com atividades guiadas com papel e lápis visando a alfabetização e a numeralização.

Diante dos avanços tecnológicos, e por consequência, da globalização, o século XX traz a aproximação das pessoas independente dos espaços físicos, eliminando-se tais distâncias, essa era provoca a necessidade de dinamizar e se adaptar a uma nova forma de vida, de maneira mais rápida e instantânea, considerando que agora os conhecimentos são produzidos numa velocidade inacreditável. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2015).

Essa Era globalizada abre novas portas para o processo de produção do conhecimento, surgindo uma visão mais ampla da educação. Com todos esses recursos disponíveis, o aluno, na maioria das vezes, tem acesso a grande possibilidade de troca de conhecimentos, não mais restringindo-se apenas as informações que o professor repassa em sala. As instituições de educação infantil deve proporcionar uma educação desafiadora, possibilitando ao educado, meios onde ele possa descobrir e atribuir significados a tudo aquilo que está presente em seu cotidiano. Outra visão equivocada é que o cuidar se restringia apenas a alimentação, hábitos de higiene e o sono. O cuidar vai mais além, desde a preocupação com os horários de funcionamento da creche até a organização dos ambientes e materiais oferecidos para a criança, considerando também que o âmbito educacional não é instrumento de controle dos pais para proporcionar a educação exemplar que eles não têm tempo para ensinar.

“ A organização dos momentos em que são previstos cuidados com o corpo, banho, lavagem das mãos, higiene oral, uso dos sanitários, repouso e brincadeiras ao ar livre, podem variar nas instituições de educação infantil, segundo os grupos etários atendidos, o tempo de permanência diária das crianças na instituição e os acordos estabelecidos com as famílias. As atividades de cuidado das crianças se organizam em função de suas necessidades nas 24 horas do dia. Isto exige uma programação conjunta com as famílias para divisão de responsabilidades, evitando-se a sobreposição ou ausência de alguns dos cuidados essenciais.” (BRASIL, 2001. p.75)

Portanto, o educar e o cuidar devem caminhar de forma simultânea, considerando de extrema valia a parceria que a família e a escola devem ter nesse processo de formação da criança.

Deve-se entender que a construção da identidade da criança faz parte do seu desenvolvimento, do seu crescimento como sujeito, portanto o meio social, escolar e familiar é totalmente responsável por instruir e guiar os caminhos que a criança deve escolher. Portanto isso depende de um trabalho em conjunto, âmbito escolar, família e sociedade.

1.2 Aspectos Políticos da Educação Infantil

Com a concretização das instituições voltadas para a educação infantil, surgem algumas discussões acerca das definições dos objetivos reais e legais que deveriam guiar esses âmbitos escolares. Para que a Educação Infantil ganhasse uma base sólida, foram criadas leis que beneficiaram as crianças em foco, os pais ou responsáveis dos pequenos e a população em geral.

De forma geral, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, a Constituição de 1988, o RECNEI e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, dão os suportes legais necessários,

para a criação e funcionamento e a garantia de acesso todos em relação às instituições educacionais infantis, esclarecendo os direitos e deveres das crianças, da comunidade e do governo em gestão.

1.2.1 Constituição de 1988

A constituição de 1988 reconhecendo a criança como um cidadão em processo de desenvolvimento, obriga a todos, pais, sociedade e poder público a respeitar as leis propostas neste documento. A constituição assegura o direito da criança e do adolescente de ser assistido de forma gratuita em relação à educação, diante vários aspectos definidos a lei obriga todos a garantir e respeitar os direitos das crianças que estão discriminadas no artigo 227, onde diz:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (EC no 65/2010).” (BRASIL, 2012)

Apesar de estar explícito na Constituição que toda criança tem direito a educação, segundo Kramer (2001) ainda é real o fato de que grande parte desse público ainda encontra-se fora da creche ou escola, principalmente as crianças das classes mais inferiores, “*a maioria das crianças que recebem educação pré-escolar provém das classes médias e altas*” (KRAMER, 2001, p.90). O Instituto Brasileiro de Geografia – IBGE, fortalece essa afirmação em seu documento publicado em 2012. Apesar da taxa de matrículas na educação infantil ter aumentado significativamente na última década, (11,7% para 21,2% crianças de 0 à 3 anos e de 56,7% para 78,2% crianças de 4 e 5 anos), o Brasil ainda tem muito o que evoluir estando em 32º lugar em relação à países latino-americanos e os que compõem a OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico.

A educação Infantil precisa ser lembrada como uma fase imprescindível para a criança tanto em aspectos educacionais, ou seja, desenvolvimento cognitivo, motor, oral, como em aspectos sociais, sendo reconhecida como mediadora para a plena inserção social do sujeito em processo de construção de sua identidade.

1.2.2 Lei de Diretrizes de Bases - LDB

Vivemos diante de alguns fatores que dificultam o acesso das crianças nas creches. Algumas famílias por motivos pessoais, simplesmente não procuram as instituições de ensino específicas para a educação infantil. Outro fator é a carência de vagas disponíveis ou a qualidade em aspectos físicos em alguns lugares específicos por responsabilidade do governo, provocando a necessidade da família procurar escolas particulares que oferecem tais serviços. O que muitos ainda não sabem, por falta de informação, é que toda criança tem direito ao atendimento em creches e pré-escolas, de forma gratuita como rege a LDB no art. 4º onde diz que é dever do Estado promover o acesso à educação escolar pública garantindo, segundo o inciso IV, o “*atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade*”. Neste documento é dada a importância merecida a esta etapa da infância, que por alguns membros da sociedade ainda não compreende o valor do acompanhamento pedagógico.

“Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 2010).

Assim as creches e pré-escolas tem a função de complementar a educação da criança, e junto a família e a comunidade dividirem a responsabilidade do desenvolvimento infantil, proporcionando bons hábitos, formação, saúde entre outros aspectos necessários para o desenvolvimento da criança. Portanto, a LDB afirma que as creches e pré-escolas não substituem a função da família, e sim auxiliam na educação dos pequenos.

Segundo Craidy (2001), o documento também mostra que a responsabilidade das creches e pré-escolas não se resume em acolher a criança em seu âmbito. As instituições precisam construir um plano pedagógico com a participação dos educadores para subsidiar o trabalho desses profissionais. Ainda exige uma formação de no mínimo o curso normal com especialização em educação Infantil. Para os educadores em serviço que não possuem formação, deverá ser oferecida a formação em educação infantil. A LDB exige que até o ano de 1999, todos os profissionais da educação infantil tenham a formação adequada, sendo função dos “*Conselhos Estaduais de Educação definir as exigências para que a formação em serviço possa qualificar para o exercício da função de educador infantil*” (CRAIDY, 2001, p. 25).

Portanto, a Educação Infantil, conforme a LDB, é de responsabilidade principal do Município, porém quando esta instância não possuir Sistema de Ensino, tal responsabilidade é transferida para o Estado, sendo os Sistemas de Ensino subordinados aos governos. Cabe às creches e pré-escolas se adequarem as diretrizes definidas pelos órgãos competentes, e aos profissionais em serviço na instituição buscar a formação necessária exigida pela LDB.

1.2.3 Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA

O Estatuto da criança e do adolescente - ECA, lei de nº 8.069, que entra em vigor em 13 de julho de 1990, reforça a lei já postas anteriormente na Constituição federal de 1988 e na LDB. O documento em questão vem para assegurar o cumprimento das leis propostas. Também determina a criação dos Conselhos da Criança e do Adolescente que visa traçar diretrizes políticas, e dos Conselhos Tutelares que zela pela efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes.

“Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.” (BRASIL, 2010).

O documento ainda exige o cumprimento do direito à educação da criança e adolescente, objetivando prepará-los para o exercício da cidadania e para sua formação profissional, ressaltando que o Estado é responsável por assegurar a disponibilização do atendimento das crianças nas creches e pré-escolas de forma gratuita.

1.2.4 Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RECNEI

O Referencial Curricular Nacional da Educação - RECNEI é um documento construído diante de debates realizados nacionalmente entre um grupo de profissionais da educação e o Estado. Em 1998 o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil foi divulgado com a proposta de contribuir para a implementação de uma educação de qualidade para os pequenos possibilitando um norte para os professores quanto as atividades pedagógicas e o cuidar direcionadas as crianças nas creches e pré-escolas. Este documento entende a educação infantil como primeira etapa da educação básica, dando assim maior

importância ao trabalho pedagógico na educação infantil, possibilitando o desenvolvimento do conhecimento social e cultura de cada indivíduo.

O RECNEI está dividido em três volumes que abordam as seguintes temáticas: a introdução, a formação pessoal e social e o conhecimento de mundo. Em geral, os três volumes tratam dos conteúdos e objetivos que devem ser trabalhados durante as atividades pedagógicas realizadas nas instituições de ensino de educação infantil, valorizando sempre a autonomia da criança.

A diversidade de práticas pedagógicas relacionadas ao movimento da criança ainda se encontra em diferentes concepções de ordem. Dessa maneira, práticas como a imposição de longos períodos de espera em filas ou sentadas ainda são usados e como forma de disciplina, restringindo a criança de explorar o ambiente, e qualquer movimento espontâneo, pode ser considerado um ato de desordem. Tais concepções ainda acredita que os movimentos da criança interferem no resultado da aprendizagem, defendendo a ideia de que as manifestações gestuais estão diretamente relacionadas com a falta de atenção e concentração do aluno.

As crianças de zero a três anos devem ser estimuladas de forma a desenvolver as seguintes capacidades: familiarizar-se com a imagem do próprio corpo; explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação; deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras; explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para o uso de objetos diversos. Para as crianças de quatro a seis anos o professor deve trabalhar para ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento; explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento; controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras; utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc.; apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo.

Os conteúdos devem ser organizados levando em consideração as diferentes capacidades e diversas culturas das crianças. Devem ser organizados de forma contínua e integrada envolvendo várias experiências corporais sendo estas experiências individuais ou em situações de interação.

“Se por um lado, o Referencial pode funcionar como elemento orientador de ações na busca da melhoria de qualidade da educação infantil brasileira, por outro, não tem a pretensão de resolver os complexos problemas dessa etapa educacional.” (BRASIL, 2001, p. 14).

1.3 Aspectos psicológicos do desenvolvimento infantil

Com o passar do tempo a educação de crianças pequenas deixa de ser exclusivo da família, educação esta que visava apenas a transpor hábitos culturais. Tal responsabilidade passa a ser compartilhada com as instituições escolares, pois as mães que viviam exclusivamente para a família entra no mercado de trabalho diante do surgimento do capitalismo. Com o surgimento das creches e pré-escolas, também vem a necessidade de um novo olhar voltado para essa crianças pequenas. Alguns pensadores começam a trazer ideias pedagógicas para que os cuidadores, e professores possam aproveitar ao máximo as habilidades de cada criança, e os aspectos que essa fase tão rica oferece. É entendendo o desenvolvimento delas que facilitará a compreensão de tudo o que acontece nesta fase.

Neste sentido apresentamos as ideias de teóricos que contribuem para a compreensão do desenvolvimento infantil.

“ Piaget, Vygotsky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. As teorias sociointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão a sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada. (FELIPE, 2001, p. 27)

O autor enfatiza a importância das teorias sociointeracionistas na relação corpo e aprendizagem.

1.3.1 Contribuição de Piaget para a compreensão da criança

Jean Piaget, através de seus estudos que duraram mais de cinquenta anos e, hoje, são considerados ideias de grande valia para o entender o desenvolvimento da criança. A grande preocupação dele era desvendar os mistérios da estruturação do conhecimento humano. Felipe (2001) afirma que conhecer, segundo a teoria piagetiana, significa inserir um objeto de conhecimento e entendê-lo segundo um sistema de relações, é o contato com a o objeto que a criança construirá gradativamente seu conhecimento, ou seja:

“[...] envolve, portanto a capacidade de organizar, estruturar, entender e posteriormente, com a aquisição da fala, explicar pensamentos e ações. Desta forma, a inteligência vai-se aprimorando na medida em que a criança estabelece contato com o mundo, experimentando-o ativamente.” (FELIPE, 2001. p. 30)

Piaget apresenta que o desenvolvimento humano pode ser dividido em quatro estágios. O primeiro tem início ao nascer, estendendo-se até os dois anos de idade, esse período é conhecido como o **sensorio motor**. Esta etapa consiste no desenvolvimento da inteligência, é quando o bebê descobre o mundo através das percepções (sugar, pegar, bater, ver, chutar...), nesse momento a criança forma seu conhecimento através do contato com os objetos que os rodeiam e com as experiências externas, coordenando essas ações é que se propicia o surgimento do pensamento. Por isso a importância do contato com os objetos que os rodeiam, é esse contato físico que auxiliará a criança no processo de construção do pensamento e conseqüentemente do conhecimento. Mas é a partir da aquisição da linguagem que se inicia efetivamente a socialização da inteligência.

No período **pré-operatório** ou pré-operacional vai dos 2 aos 7 anos de idade, neste estágio a criança é egocêntrica e ainda não consegue se colocar no lugar do outro de forma abstrata. Também chamado de Inteligência simbólica, pois é nesse período que ela passa a representar o mundo através de símbolos e interioriza os esquemas de ações construídos durante o período sensorio motor. Também é caracterizado pela capacidade de dominar a linguagem, porém ainda não discrimina detalhes mesmo tendo uma visão global do mundo. Não compreende questões de lógica matemática em relações a permanência de massa (quantidade) mesmo diante da mudança de formas.

Já o terceiro estágio acontece dos 7 aos 11 anos, esse estágio chamado de **operatório concreto** ou operações concretas caracteriza-se por desenvolver a capacidade de ações de reversibilidade, pela compreensão de tempo, espaço, ordem, mas ainda necessita do mundo concreto para chegar a um entendimento abstrato. Desenvolve habilidades de construir uma lógica de similaridade e diferenças. A partir dos 12 anos em diante, a criança adentra no período **operatório formal** ou operações formais, nesta última etapa da infância antes de chegar a idade adulta, a criança passa a compreender de forma abstrata sem necessitar do concreto. Não se limita apenas a representações imediatas, ela é capaz de pensar e resolver problemas sem precisar da observação do concreto, da realidade, alcançando o nível mais elevado do desenvolvimento da infância. Possui o domínio dedutivo e lógico facilitando a experimentação mental.

“O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. Assim, do ponto de vista da inteligência, é fácil se opor a instabilidade e incoerência relativas das ideias infantis à sistematização de raciocínio adulto” (PIAGET, 2014.p.3)

Assim poder entender que o desenvolvimento humano perpassa por quatro estágios principais, a infância tem início ao nascer e finda no desabrochar da adolescência aos 12 anos, que por sua vez, marca o início da fase adulta. Piaget defende que a compreensão dos estágios são importantes para que a infância aconteça de forma natural, com os estímulos adequados a cada fase respeitando a capacidade de cada etapa da vida, desta forma os professores da Educação Infantil devem ter pleno conhecimento na teoria cognitiva para realmente propiciar uma aprendizagem que tenha como base as faixas etária da criança.

1.3.2 Contribuição de Wallon para o desenvolvimento infantil

Atualmente é comum ouvir falar que a escola é um meio que deve proporcionar a criança uma formação integral valorizando os aspectos intelectuais afetivos e sociais, porém isso não era comum no início do século XX. Henri Wallon, médico, psicólogo e filósofo, revoluciona o ensino com sua teoria pedagógica onde aponta ideias em que a construção do conhecimento humano não envolve apenas o cérebro mas também as emoções.

O teórico defende que há quatro elementos básicos que se comunicam entre si para que a formação do conhecimento aconteça, a “afetividade” pois é por meio dela que a criança expressa seus desejos e vontades revelando aspectos do seu caráter, o “movimento” que oferece a base para o desenvolvimento motor que por sua vez possibilita o reconhecimento do espaço físico do meio em que vive além de ter um caráter pedagógico, a “inteligência” que diz respeito não só a apropriação dos conteúdos pedagógicos mas também as descobertas realizadas pelo sujeito, e por fim a “formação do eu” como pessoa que depende essencialmente do outro, é a partir da negação do outro que a criança (aos 3 anos em média) passa a descobrir que “eu sou”, fato este conhecido como “crise da oposição”. Dessa maneira, o desenvolvimento do sujeito não se dá apenas diante da cognição mas também das emoções que são vividas desde seu nascimento. Dessa maneira a afetividade se desenvolve no mesmo momento da inteligência e vice versa.

Segundo Felipe (2001), Wallon defende que o desenvolvimento depende das experiências oferecidas pelo meio em que vive, das relações afetivas e sociais.

“[...] o desenvolvimento da inteligência dependem das experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito faz delas... neste sentido, os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem, bem como os conhecimentos presentes na cultura contribuem efetivamente pra formar o contexto de desenvolvimento” (FELIPE, 2001, p.28).

Assim como Piaget, Wallon também divide o processo de desenvolvimento humano em estágios, é importante que todo educador conheça cada etapa do desenvolvimento da criança.

O estágio **impulsivo-emocional** ocorre no primeiro ano de vida, onde a construção do indivíduo se dá a partir da relação dos aspectos afetivos e cognitivos, dando base para o desenvolvimento do próximo estágio da criança que será, aos dois anos de idade, intensificado e explorado no reconhecimento do seu espaço de convívio.

Já o estágio **sensório-motor e projetivo** acontece de um aos três anos aproximadamente. Este momento é caracterizado por uma relação cognitiva com o meio, a aquisição da linguagem e do andar proporciona a criança maior autonomia para a manipulação dos objetos e exploração dos espaços. Ela já consegue relacionar a fala com o concreto sem que haja a necessidade de visualizá-lo, ou seja, desenvolve a capacidade de simbolizar. O termo projetivo refere-se ao fato de que o pensamento, nesta fase, necessita de gestos para ser exteriorizada pelo indivíduo.

No estágio do **personalismo** que se dá entre três e seis anos, é caracterizada por ser o momento da construção da personalidade do indivíduo, ocorre o desenvolvimento da consciência de si. A criança necessita de estímulo de admiração para ter o mesmo por ela própria. A inteligência tem base especificamente a partir da atividade motora realizada por ela, de forma autônoma ou por imitação do outro. Neste momento predominam as relações afetivas e as interações sociais.

E o último, estágio **categorial** dos seis anos em diante, nesta etapa a criança mostra interesse em descobrir o mundo exterior, diante da conquista intelectual adquirida até o momento. Ela já consegue diferenciar o eu do outro. É fundamental que haja a interação dela com a cultura para que continue seu processo de formação individual.

Assim, Wallon entende que o desenvolvimento se dá de forma descontínua com rupturas e retrocessos, e não de maneira linear, onde há uma reformulação do que foi construído e não uma complementação do que já foi adquirido ao longo das etapas. Wallon traz ainda em sua teoria a preocupação de uma educação acessível a todos, contemplando a complexidade de cada indivíduo independente de raça ou condição social. Ele ainda traz em sua teoria fundamentos da psicologia como ciência, defendendo a ideia de que o pensamento

dependente da condição orgânica do indivíduo, entretanto não de forma essencial, pois a ação da mente também se baseia no meio no qual o indivíduo está inserido, um depende do outro, assim o sujeito é um ser fisiológico e social.

1.3.3 Contribuição de Vygotsky

Entre tantos estudiosos, teóricos e pensadores da educação, podemos mencionar o psicólogo bielo-russo Vygotsky. Durante seu curto tempo de vida (1896-1934), dedicou-se a entender o desenvolvimento intelectual, o pensamento e a linguagem, numa perspectiva histórica, social e cultural. Ele considerava que o processo de desenvolvimento cognitivo do homem está diretamente ligado as relações sociais estabelecidas na vivência do indivíduo. Nessa linha de raciocínio, surge uma corrente pedagógica denominada por sociointeracionismo ou socioconstrutivismo.

O sociointeracionismo, foi assim chamado com base na ideia defendida por Vygotsky onde o homem se desenvolve através das relações que existem com o meio e com o outro, ou seja, “na ausência do outro, o homem não se constrói”, escreveu o psicólogo.

“Segundo ele, organismos e meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e o social não estão dissociados. Nesta perspectiva, a premissa é de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura.” (REGO, 1995.p.93)

Assim, entendemos que o homem modifica seu ambiente e o ambiente modifica o homem, ou seja, o processo de formação do sujeito se dá de maneira dialética entre o mesmo e a sociedade em que vive. É necessário ressaltar que Vygotsky refuta as ideias inatistas e nativistas, pois apesar da criança nascer com condições biológicas de desenvolvimento da fala por exemplo, esse processo só será possível se houver a interação com o sujeito mais velho. Segundo Rego, “na abordagem vygotskiana, o que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural que se insere” (REGO, 1995. p.93).

Vygotsky também descarta a ideia de um desenvolvimento baseado na visão ambientalista, onde se atribui ao meio o poder no desenvolvimento do homem diante

das condições ao seu redor, concepção esta conhecida como empirismo. Para ele, o indivíduo não é apenas um receptor de cultura, e sim um sujeito capaz de recriar sua própria cultura. Dessa forma, “ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, as transforma e

intervêm em seu meio. É, portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta”(REGO, 1995. p.93).

O principal instrumento de desenvolvimento do pensamento é a linguagem, porém não acontece de forma direta. Para Vygotsky, este processo acontece de forma gradual, onde há a internalização da linguagem, ou seja, “primeiro a criança utiliza a fala socializada, para se comunicar. Só mais tarde é que ela passará a usá-la como instrumento de pensamento, com a função de adaptação social” (FELIPE, 2001, p.29).

Vygotsky ainda contribui para a educação com seu conceito de mediação, onde considera o professor como sujeito impulsionador do desenvolvimento intelectual da criança. Como já foi discutido anteriormente, o pensamento vygotskiano considera a interação como principal aspecto no processo de aquisição do conhecimento, e é dessa maneira que Vygotsky entende que o ensino deve ser aplicado de maneira a considerar o que o aluno ainda não sabe e nem o que é capaz de aprender sozinho. É acerca disso que se refere um dos seus principais conceitos, a zona de desenvolvimento proximal.

Neste conceito, existe um caminho entre o que a criança consegue fazer sozinha, que é entendido como a zona de desenvolvimento real, e o que ela tem a capacidade de realizar sozinha, a zona de desenvolvimento potencial. Portanto, a zona de desenvolvimento proximal seria a distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial.

“Há atividades que a criança não é capaz de realizar sozinha, mas poderá conseguir caso alguém lhe dê explicações, demonstrando como fazer. Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência da outra é fundamental em Vygotsky” (FELIPE, 2001, p.29).

Cabe ao professor identificar a capacidade de cada um e trabalhar para que esse percurso seja sempre cumprido através de sua mediação, considerando que essa zona de desenvolvimento proximal será renovada sempre que a zona potencial for alcançada.

CAPÍTULO II

O TEATRO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 A expressão da corporeidade da criança

O corpo é o principal instrumento de expressão do homem, desde seu surgimento dos primeiros povos do mundo. O comportamento do corpo depende de um processo histórico e, conseqüentemente da formação social em que o homem está inserido. Entendemos que a corporeidade é o modo em que o pensamento se utiliza do corpo para se relacionar com o mundo, é a maneira de comunicação da mente com o mundo externo. Assim, o corpo atua sobre a sociedade modificando-a e vice versa. O movimento se faz e se refaz cotidianamente diante dos respectivos momentos históricos e sociais.

Os movimentos corporais possibilitam a compreensão do seu ser para si e para os outros, porém o modo de comunicação do corpo não se dá apenas através de um movimento partindo de si para o outro, mas a partir do sentido que aquele gesto traz relacionando com o outro e com o objeto que está sendo inserido na ação. É o que afirma Gomes-da-Silva (2012, p.152) ao dizer que “o sujeito que se movimenta não o faz isoladamente, mas orienta-se com os outros. Os outros não significam os demais além de mim”, ainda compreende que “o movimento é sempre movimento comunicativo, não só porque comunica algo, mas porque se dá em estado de comunicação, no encontro com os outros” (2012, p.153).

Dessa maneira, entendemos que é assim que acontece com a criança. Podemos observar nitidamente, principalmente nos bebês, a importância do movimento na comunicação dos pequenos com o mundo externo, seja interagindo com um ente ou com um objeto. É através da ação do movimento que acontece a comunicação, expressões de sentimentos, de vontades, de necessidades e de hábitos culturais, desenvolvendo-se tanto nos aspectos motores quanto intelectuais.

O documento que rege os objetivos da educação infantil e norteiam os professores deste nível educacional é o RECNEI, este apresenta o movimento como aspecto de grande importância no desenvolvimento do ser e em sua cultura.

“Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo” (BRASIL, 1998, p. 15)

O movimento não é uma simples ação corriqueira do cotidiano, ele depende do outro ou de algo para existir. É a forma que a mente encontra para se comunicar, seja um objeto ou um ser. Segundo Gomes-da-Silva (2012, p. 161)

“o movimento é essencialmente comunicativo, existe na presença dos outros. Isso significa dizer que os outros pertencem ao modo de ser do movimento, mesmo quando este, de fato, não se volta para os outros ou acredita não precisa deles... O movimento não tem esse “privilégio” de existir independentemente dos outros que lhe fazem companhia. O movimento está atado aos outros entes, em relação a posição, postura, ocupação do espaço, ação e inação.”

Além disso, com as transformações sociais, o corpo se torna escravo de um padrão perfeito para a sociedade, tanto nos aspectos físicos, na busca de uma silhueta que satisfaça “a moda” da época, quanto em aspectos comportamentais, que atenda a exigência do mercado de trabalho. Nesse sentido o corpo se modifica historicamente e socialmente como afirma Gomes-da-Silva (2012, p. 142) quando diz que “*a ação motriz é remissiva ao modo de ser do homem, a sua cultura. Os movimentos possuem vínculos históricos e sociais, eles apontam para os seus enraizamentos históricos*”, ou seja, diante do movimento do indivíduo também é possível identificar suas raízes sociais e culturais.

Durante muito tempo e, infelizmente, até os dias atuais o corpo ainda sofre diante dos comportamentos da sociedade. A educação tradicional tende a disciplinar o corpo tornando-o dócil, como forma de manipular uma cultura pré-estabelecida, sem que haja a possibilidade de transformação. O corpo é treinado para cumprir ordens sem questionar o porquê ou para quê, o que é interessante para o perfil da sociedade capitalista onde o homem deve funcionar como uma máquina, gerando lucros para a classe dominante.

“a imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientificada e industrializada, reduz o corpo a um objeto de uso em conformidade com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos sociais, fazendo com que o corpo se tornasse uma ferramenta de produção, que traria lucro e crescimento econômico ao meio no qual está inserido não garantindo a cultura do corpo” (NUNES, LAMAR, CARTIER, 2012)

Nas instituições educacionais nem sempre é diferente, o grande desafio na escola é desconstruir a ideia de que a criança deve ficar aprisionada numa cadeira para obter apenas as

informações oferecidas pelo professor. As escolas e creches devem proporcionar o movimento do corpo como instrumento para alcançar o desenvolvimento almejado de acordo com cada faixa etária. Uma ótima metodologia é utilizar as atividades lúdicas, como brincadeiras, jogos, músicas, dança e o teatro. O Referencial Curricular para a Educação Infantil contempla tais atividades provando que há objetivos concretos para esse tipo de metodologia. São nessas atividades lúdicas que a criança tem a possibilidade de se expressar, criar e recriar, interagir com o outro, proporcionando assim seu desenvolvimento motor e intelectual de forma prazerosa.

“cada ser humano que nasce traz em si a necessidade própria de toda a humanidade e, cada um produz e reproduz em si todas as necessidades da humanidade. Somos o que somos porque nos relacionamos com a natureza, com os nossos semelhantes e desenvolvemos forças produtivas. Mas esse percurso histórico significou modos comuns, vivemos hoje no modo de o capital organizar a vida, contraditoriamente, também, de transformar o que constituiu o trabalho em atividades lúdicas e prazerosas, como as danças, os jogos a ginástica, os esportes.” (NUNES, LAMAR, CARTIER, 2012, p. 179)

Dessa forma, iniciamos este capítulo com o objetivo de mostrar o movimento como forma de expressão, comunicação e liberdade, trazendo à discussão da importância que o movimento tem no processo de desenvolvimento do homem como sujeito e aprendiz de uma ou várias culturas.

2.2 Formas de desenvolvimento infantil através do teatro

Atualmente, é comum ouvir falar em apresentações de peças teatrais realizadas nas escolas, sejam com propostas de datas comemorativas, culminância de projetos pedagógicos, ou simplesmente pelo prazer da arte.

A história de parceria do teatro e educação no Brasil não é tão recente como se supõe. A arte de representar é utilizado como ferramenta pedagógica desde a época em que os indígenas passavam por um processo de catequização em exigência da igreja católica, forma essa de manipular e domesticar o povo nativo brasileiro. Os jesuítas usavam o teatro para ensinar as histórias presentes na bíblia, tornando assim a aula mais dinâmica e atrativa onde os alunos interagem e também representavam.

Com o passar dos anos, o teatro continua a ser visto como meio metodológico de grande valia, assim, sente-se a necessidade de firmar formalmente tal arte indispensável no

processo de desenvolvimento infantil. O RECNEI, documento que guia a prática do professor na educação infantil, afirma que:

“Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade, surgiram autores que formulam os princípios inovadores para o ensino das artes, da música, do teatro e da dança. Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva: valorizam a livre expressão e a sensibilização para o experimento artístico como orientações que visavam ao desenvolvimento da criança”. (BRASIL, 1998. p. 87)

Neste sentido, valoriza-se a expressão artísticas, dentre elas a expressão corporal e facial, representadas principalmente por meio do teatro e dança, considerando que tais expressões é uma linguagem, ou seja, o corpo também fala. É importante afirmar que o teatro é um meio de comunicação que é capaz de expressar através do corpo, emoções, sentimentos, cultura, fatos do cotidiano, seja eles reais ou imaginários. Entretanto Silva (2012) consegue enxergar mais além.

“Entendemos o movimento humano como linguagem. Isto é mais do que meio de comunicação ou forma de expressão. O movimento é o acontecimento que possibilita ao homem ser. É o ponto de união entre o ser que se mostra e o homem que, caracterizando-se por seu comportamento de abertura, o capta. Sendo assim, o movimento não é um instrumento à disposição do homem, mas o acontecimento que lhe possibilita ser homem.” (SILVA, 2012.p.142)

O ser é formado por expressões, que por sua vez surgem desde o nascimento. O movimento, o choro, gritos, risos, etc. são as primeiras formas de comunicação e acontecem inicialmente com os pais e ou com as pessoas que cuidam e convivem diariamente. Inicialmente essa comunicação se dá através de gestos como expressões corporais e sons, ao decorrer do desenvolvimento a criança passa a usar também palavras, desenhos como meio de interagir com o outro. A interação se dá primordialmente com as pessoas de sua convivência cotidiana, a família, entretanto, no momento que a criança é inserida na escola ou creche ela aprende a conviver, compartilhar, é nesse momento que os pequenos começam a se apropriar das regras que a sociedade exige, como já foi discutido, o corpo se molda ao meio social e vice versa.

“É na sala de aula que podem acontecer as primeiras descobertas de si mesmo, do outro e do mundo, pois aí o aluno incorpora-se ao grupo social, ao mesmo tempo que se diferencia dele... Nesse momento, o professor busca atingir um duplo e complexo objetivo: “ adaptar a criança a uma determinada sociedade e propiciar condições para que ela desempenhe seu papel com autonomia nas diferentes situações que enfrentar.” (REVERBEL, 1997, p. 19)

O teatro possibilita o trabalho em grupo, atividades em equipe, o que proporciona a socialização com os colegas e professores, facilitando o processo de aprendizado, auxiliando na construção do eu como ser social. Para o indivíduo se adaptar a uma sociedade, ele necessita da interação, depende do outro. Assim, podemos afirmar que o desenvolvimento do homem como sujeito ativo de um grupo social é caracterizado por “copiar” o que os demais fazem, é um jogo de imitação e recriação. É o que se faz no teatro, a primeira forma de expressão dessa arte na escola é a imitação, não por que existe um padrão que deve ser seguido, mas por acontecer de forma natural.

“o ensino de teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas.” (REVERBEL, 1997, p. 25)

O teatro de mímica é uma técnica artística que traz essa característica de reprodução de gestos do cotidiano, essa forma de expressão artística consiste em dramatizar algo, uma história, um conto, uma música, apenas através de gestos sem a utilização da verbalização, o que é interessante para ser trabalhado com a criança, pois estimula a criatividade possibilitando ao professor a observar a visão que o aluno tem em relação ao mundo.

O jogo de imitação, ou mímica, é uma das categorias teatrais que é possível ser trabalhado na educação infantil, embora nessa fase seja interessante a estimulação oral da criança, olhando numa outra perspectiva, o teatro de mímica também traz em seus objetivos pedagógicos a criatividade, a expressão corporal, e a compreensão de regras, nesta a omissão das palavras. Reverbel (1997) afirma que o teatro de mímica, ou pantomima requer uma ampla consciência corporal, é claro que ao trabalhar essa técnica com as crianças não existirá uma segurança da parte delas, mas a ideia é estimular essa linguagem, onde as palavras são substituídas por gestos.

“o professor deve sempre ter em mente que os exercícios propostos visam ao desenvolvimento da linguagem gestual na medida das possibilidades do aluno, não se devendo exigir dele uma perfeição que só poderá ser atingida por atores profissionais” (REVERBEL, 1997, p. 75)

Ao utilizar a mímica ou pantomima, o corpo deverá ser utilizado como um todo, e não apenas com gestos das mãos ou só do rosto. Esta técnica exige a cooperação do

movimento de um conjunto de membros do corpo, é uma parceria que deve ser feita entre eles. As expressões faciais são complementadas com o movimento corpóreo.

Outra técnica facilitadora da aprendizagem é o teatro de bonecos, este possibilita tanto a criatividade quanto o exercício de memorização de histórias. O teatro de bonecos consiste no manuseio de bonecos ou fantoches de diversos materiais. A manipulação desse material permite a estimulação motora e oral que ainda se encontra em desenvolvimento. Além disso o teatro de fantoche ou bonecos amplia o envolvimento das crianças, pois para aquelas que são tímidas e sem segurança para falar em público, o fato de estar por traz das cortinas é um conforto.

“Entre todas as atividades de expressão verbal, o teatro de bonecos, de fantoches de luvas ou de marionetes, é sem dúvida o melhor recurso para o desenvolvimento da linguagem verbal. Quando a criança tem em mãos um fantoche e se mantém oculta por uma cortina, sente-se à vontade para falar e inventar os mais diversos tipos de diálogo ou monólogo.” (REVERBEL, 1997. P.66)

É comum a utilização desta técnica nas escolas, e principalmente nas instituições que atendem a educação infantil. O teatro de bonecos é uma ferramenta usado como recurso pedagógico durante a contação de história, porém nem sempre é dada oportunidade à criança de contar sua própria história ou fazer o reconto.

A improvisação surge como uma técnica eficiente para se utilizar nas aulas com as crianças. O teatro de improviso surge na Itália, durante a segunda metade do século XVI, com um grupo de atores da *commedia dell'arte*. Essas representações aconteciam em lugares públicos como praças e ruas, e não havia textos definidos, os apenas “*canevas*, espécie de roteiro onde se anotava a sequência das cenas e se indicavam as entradas e saídas da situação a interpretar.” (REVERBEL, 1997, p. 101). Ao longo das dramatizações, os atores recebiam situações inusitadas, onde criavam a continuação da história.

Destacamos que a improvisação é reconhecida como ferramenta pedagógica, proporcionando ao aluno o conhecimento pessoal, contribuindo com o desenvolvimento de espontaneidade e com a liberdade de expressão. Embora o teatro de improviso não necessite de exercício de fixação do texto, o aluno-ator deve ser guiado por pontos que o orientem para o desenvolvimento da dramatização. Spolin (2003) elege algumas situações que devem sempre compor o roteiro dos atores: Onde (onde acontece), quem (quem está lá), e o quê (o que faz lá).

Durante as atividades de representações de improviso, o aluno deve se concentrar nos pontos problemáticos para que exista uma lógica na contextualização da história representada, estimulando assim a criatividade, a liberdade de expressão, e a concentração da criança.

Neste sentido, o professor deve ter o cuidado de observar quem tem mais facilidade para praticar cada uma dessas técnicas de teatro, entretanto, não deve deixar de lado aqueles menos desenvolvidos, pois sendo estimulados adequadamente, eles podem se desenvolver e vencer seus bloqueios.

Destacamos que a literatura infantil é um gênero textual que pode ser utilizado em todas essas técnicas de teatro, trabalhando os contos já existentes, recriando-os e os mesclando. Os roteiros podem ser decididos coletivamente, podem ser criados pelos alunos ou com base em textos já existentes. Porém, deve-se ter o cuidado de escolher histórias que estão presentes em seu cotidiano. Reverbel (1997, p.40) afirma que:

“Nunca se deve pedir ao aluno que se expresse sobre temas fora de sua realidade social ou cultural, ou além das possibilidades de sua faixa de idade. É a adequação dos jovens estudantes ao seu mundo interior e exterior que depende o sucesso de uma atividade global.”

As técnicas teatrais aqui expostas podem ser fundidas umas com as outras, ou seja, os gêneros teatrais não devem ser trabalhadas necessariamente de forma isoladas, uma pode dar suporte a outra facilitando a criação e a representação das mesmas.

Sendo assim, o fato de que a criança aprende fazendo, entendemos que o aluno pode se utilizar da prática do teatro, ou seja, atuando para desenvolver a aprendizagem. O teatro, a dança entre outras expressões artísticas são ferramentas pedagógicas lúdicas que facilitam o processo de construção de conhecimentos e da identidade social de cada aluno.

“ Ao desenvolver atividades de expressão artística baseadas no jogo infantil, não se pretende formar um artista, mas um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem. O objetivo das atividades é formar um ser social, apto a construir gradualmente sua própria escala de valores e desenvolver seu senso estético.”
(REVERBEL, 1997. P. 36)

METODOLOGIA

CARACTERIZAÇÃO

Para melhor entender de que maneira o teatro age no processo de desenvolvimento da criança da educação Infantil, foi realizada uma pesquisa em duas instituições de ensino na cidade de Campina Grande, uma pública, a *Creche Municipal X*, e uma privada, o *Escola Y*. Os devidos nomes das instituições foram preservados com o intuito de não denegrir o trabalho pedagógico realizado nas mesmas, embora ambas sejam referência na organização de suas propostas pedagógicas.

A primeira pesquisa foi aplicada na *Creche Municipal X*. Esta instituição atende crianças a partir dos quatro meses de vida até os cinco anos e oito meses. A creche funciona em tempo integral para o Berçário e os Maternais I e II, e em turnos separados para as pré-escolas. Um total de 132 alunos são atendidos por 17 professoras.

A segunda instituição visitada foi a escola privada, *Escola*, que se localiza no bairro do Catolé. A escola atende em dois turnos, manhã e tarde, com turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Possui um total de 460 alunos, sendo 228 matriculados na educação infantil. O corpo docente é composto por 21 professoras e 03 auxiliares de sala.

SUJEITO

Os sujeitos alvo da pesquisa foram quatro educadoras de cada instituição visitada em Campina Grande -PB, que lecionam nas turmas de educação infantil, do berçário ao pré-escolar II ou também conhecido por Jardim II.

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através de um questionário aplicado às professoras das duas instituições de ensino, que consentiram em contribuir com o processo da pesquisa, composto por cinco perguntas relacionadas a tema deste trabalho: “*O teatro e suas possibilidades no desenvolvimento da criança da educação infantil*”. Os dados foram coletados entre o mês de maio e junho de 2015.

ANÁLISE DOS DADOS

Neste contexto foi analisado a relação do teatro com a educação, suas contribuições para o desenvolvimento infantil e a intensidade que se é realizado e os desafios que o professor encontra ao utilizar a arte de dramatizar como ferramenta pedagógica. A coleta de dados, foi realizado com base numa análise qualitativa, tomando as opiniões dos educadores como base para entender, na visão desses profissionais, o processo de desenvolvimento da crianças unido por metodologias educacionais e artísticas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentaremos os resultados da pesquisa em quadros, para visualização e melhor compreensão da nossa análise.

QUADRO I		
De que maneira o teatro contribui no desenvolvimento da criança?		
Professoras	Creche Municipal	Escola Privada
1	“Em todos os aspectos possíveis, cognitivo, afetivo, social e cultural. A partir das dramatizações (especialmente as espontâneas a criança amplia sua criatividade, desperta o seu imaginário, interage com seus pares e desinibe”.	“É importante que as escolas tenham uma proposta pedagógica para compreender a atividade teatral, como ação pedagógica para o desenvolvimento da criança na sua socialização e assim despertar uma consciência crítica que se reflita no cidadão do futuro”.
2	“O teatro contribui de forma lúdica, trazendo para a criança o desejo da brincadeira, da música, e da espontaneidade de criar”.	“De maneira lúdica e prazerosa, onde a criança socializa-se, desenvolve a fala e coordenação motora grossa (expressão corporal)”.
3	“Por ser a criança um ser pensante, cheia de emoções e criatividade, o teatro é uma soma a mais dessas atribuições, na medida em que contribui para o desenvolvimento da criança”.	“Desenvolvendo a capacidade de expressão e o gosto pela leitura”.
4	“Isso sendo iniciada na Educação Infantil tem o poder de capacitar a criança a sentir o prazer de começar algo, de agir através da motivação, do improviso, de se organizar e de ser um líder nos momentos de encenar”.	“O teatro é um importante recurso didático pedagógico para o desenvolvimento da criança na educação infantil, contribuindo assim no desenvolvimento da expressão corporal e autonomia na interação e socialização, na oralidade, na imaginação, entre outros”.

Diante dos dados coletados, podemos observar que não há diferença no direcionamento da ideia central entre as professoras da rede pública e privada. As profissionais de ambas as instituições reconhecem a importância da utilização do teatro como ferramenta pedagógica. Relatam que o teatro contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo e social do indivíduo.

As educadoras afirmam que a espontaneidade da criança é estimulada a partir de atividades relacionadas com o teatro, sendo este um instrumento pedagógico que valoriza a criança em suas capacidades de se relacionar com o mundo, entende-lo, e agir sobre ele como um sujeito ativo.

A representação dos sentimentos também são reconhecidos como benefícios do teatro. A expressão está sempre presente nas atividades lúdicas, o que favorece não só as crianças em prol da exteriorização de suas emoções, mas também facilita ao professor a compreensão da identidade da criança.

“A expressão espontânea da personalidade está profundamente relacionada com a orientação dada pelo professor. Este jamais deverá constranger a criança a atuar por imposição; pelo contrário, deverá deixá-la percorrer livremente seu caminho de descobertas e permitir-lhe assimilá-las, transformá-las e expressá-las com prazer e naturalidade.” (REVERBEL, 1997, p.20)

Ou seja, o teatro deve sim ser estimulado, mas não trabalhado de forma obrigatória, a expressão da criança deve surgir de forma espontânea, assim como o desejo de atuar, cabe ao professor proporcionar meios para que isso aconteça.

O lúdico e o prazer pelas atividades oferecidas nas instituições também são aspectos que definem as contribuições do teatro no desenvolvimento da educação infantil. Entendemos que a criança pequena se apropria mais satisfatoriamente do conhecimento através das brincadeiras, de atividades que lhe dão prazer, o teatro é um caminho interessante para envolvê-las no cotidiano escolar.

QUADRO II		
É possível unir o teatro aos conteúdos pré-estabelecidos pela instituição infantil?		
Professoras	Creche Municipal	Escola Privada
1	“Dependendo do eixo, acredito que sim. A educação infantil permite que se utilize de diversas estratégias para ampliar o teatro, seja a partir das crianças ou através da utilização de fantoches”.	“ O uso do teatro em sala de aula é imprescindível, pois além de ser uma forma criativa de trabalhar os conteúdos pré-estabelecidos pela instituição envolve o lúdico e proporciona um conhecimento agregado a outras áreas de conhecimento escolar, do mundo em si.”
2	“Sim”.	“Sim. Através das dramatizações a criança vivencia melhor o conteúdo trabalhado.
3	“Sim, se houver espaços necessários como o físico, o emocional e o material que possam ser trabalhados em conjunto”.	“Sim, nas histórias encontramos os assunto trabalhados em sala, onde através do teatro podemos dinamizar e tornar a aula mais prazerosa.
4	“Sim, como é. Nossos conteúdos podem ser explorados com essa diversidade. Entre elas: a contação de histórias, o teatrinho com o uso de fantoches, as músicas diversas nas quais podemos encenar vários momentos da cantoria”.	“É possível sim, o teatro pode ser usado não apenas como diversão, através dos personagens podemos fazer uma ponte para desenvolver conteúdos de uma forma prazerosa, assim auxiliando no processo de ensino aprendizado”.

Nestas questão, conseguimos perceber o sincronismo em relação às respostas das educadoras, o teatro é sim um recurso possível de ser trabalhado aliando aos conteúdos pré-estabelecidos em cada instituição.

A arte de dramatizar tanto pode ser usado como ferramenta metodológica como, por si só, configura-se uma área de conhecimento importante no processo educacional da criança. Assim o PCN de Arte afirma que:

“Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades.” (BRASIL, 1997, p.18)

Além disso, precisamos entender que o teatro pode e deve ser usado como ferramenta pedagógica, porém os PCN's também mostra a importância do acesso das crianças à uma cultura que muitas vezes estão distante de suas reais possibilidades. Trazer o teatro para a sala de aula, é uma maneira de proporcionar contato dos alunos com o mundo artístico, o contato a novas culturas.

Esta arte possibilita a parceria da mesma com os conteúdos programáticos, como afirmam as professoras das duas instituições educacionais, além de acelerar a apropriação dos conhecimentos ofertados, e dinamizar esse processo.

“O processo de aprendizagem de um conteúdo, através de uma encenação teatral, é acelerado porque o aluno trabalha com todos os seus sentidos, inclusive tendo a oportunidade e liberdade para pensar, criar e vivenciar”. (CARTAXO, 2001, p.65)

Enfim, o teatro tem a finalidade de contribuir no processo educativo das crianças em seus aspectos físicos, comportamentais, culturais, emocionais, cognitivos e sociais.

QUADRO III		
De forma geral, quais desafios são encontrados durante a aplicação dessa metodologia?		
Professoras	Creche Municipal	Escola Privada
1	“A falta de prática, roteiros pré-estabelecidos e inibição das crianças diante de um público (em relação as crianças. Com os bonecos, a falta de materiais.”	“Encontrar recursos que sejam adequados a faixa etária dos meus alunos (2 anos)”.
2	“Dependendo da instituição trabalhada, a questão de material, espaço, aceitação de todos para um único objetivo. Enfim não é um tema a ser abordado, exige muito planejamento e projeto”.	“Encontrar as vezes recursos para trabalhar, dependendo do conteúdo abordado”.
3	“Justamenteos mencionados na questão anterior”.	“Conscientizar a equipe da escola, da importância de trabalhar o teatro trazendo conteúdos para este momento”.
4	“A forma de como e onde será aplicada, cabendo ao professor a escolha de acordo com a faixa etária. Porque o resto deste desenvolvimento fluirá com esta decisão”.	“De modo geral, a falta de espaço físico apropriado”.

Diante dos argumentos apresentados pelas professoras acima, concluímos que na opinião delas os desafios mais frequentes é a falta de material e de espaço físico adequado. Entretanto, o teatro nem sempre necessita de recursos materiais ou mesmo estrutura ampla como um palco.

Nessa perspectiva, apresento o jogo dramático como uma técnica teatral que pode ser utilizado em condições como estas expostas acima pelas educadoras. O jogo dramático consiste em *“exercícios que vai desde o simples jogo de uma criança imitando uma*

personagem, um animal, uma profissão, até o jogo coletivo composto dos desejos e das idéias de cada um”(REVERBEL, 1997.p. 108). Além de imitações, a criança pode explorar a imaginação através de materiais que as rodeiam, um objeto pode se transformar em outro, é a brincadeira de faz de conta, por exemplo, um simples cabo de vassoura pode ser facilmente utilizado para criar um cavalo em cena, uma mesa pode se tornar a casa, e assim por diante. O legal disso é ter a possibilidade de explorar o que o meio físico dispõe. Para alguns, essa técnica teatral só deve ser utilizada em sala, resumindo a atividades que não serão expostas, a não ser para os próprios colegas por não dispor de figurinos e adereços cênicos “adequados”, por isso, alguns autores a descarta como técnica teatral em apresentações para um público maior.

O que temos que compreender é que o teatro não deve ser entendido unicamente como meio de exposição de um projeto trabalhado ao longo de um período escolar, o teatro pode ser usado com objetivos diários, sem restrições a quantidades semanais. O exercício do teatro na educação vai mais além, ele não visa transformar o aluno em um profissional, como assegura Reverbel (1997), o teatro deve estar inserido no cotidiano escolar da criança, subsidiando seu desenvolvimento como ser pensante e atuante.

QUADRO IV		
De que maneira a Instituição de ensino oferece subsidio ao professor para que seja trabalhado o teatro de forma pedagógica?		
Professoras	Creche Municipal	Escola Privada
1	“A liberdade para aplicar as propostas”.	“Através dos projetos literários que anualmente são realizados. O [<i>projeto de literatura</i> *], e também nas datas comemorativas com músicas, cenários, literaturas infantis, vídeos, gravações em estúdio das peças que serão realizadas nestes eventos”. *projeto realizado anualmente na instituição.
2	“Dentro dos limites estabelecidos, através de grupos de estudo e planejamento pedagógico”.	“Através dos projetos literários que são realizados anualmente <i>projeto de literatura</i> e as datas comemorativas”.
3	“De maneira aberta a propostas, de modo que todos fazem parte da instituição dêem suas contribuições para fortalecer e enriquecer o currículo, como também de forma prática de acordo com a criatividade e incentivo de cada indivíduo.	“Através de projetos que possamos trazer os temas para dramatizar em sala, caracterizando as crianças”.
4	“Através de formações voltadas para essa área, uma sala de recursos com bastante opção de trabalho. A colaboração das pessoas da instituição. Materiais de uso contínuo para montagem desses projetos entre outros”.	“A instituição oferece projetos como <i>projeto de literatura</i> , a caixa mágica que trabalhamos toda semana literatura, fantoches, dramatizações entre outros”.

É possível observar a divergência entre as professoras da creche municipal e da escola particular. Na opinião das educadoras da creche, é recorrente a presença da liberdade de trabalho, elas afirmam que tem a possibilidade de trabalhar de forma aberta a novas

propostas, em seu espaço de trabalho existe o acesso a materiais que facilitam e dão suporte ao trabalho artístico.

Entretanto, as educadoras da escola particular estão, indiretamente presas a projetos que acontecem em períodos determinados do ano letivo. Embora mostrem uma visão positiva, o que não deixa de ser pelo fato de ter o teatro como uma atividade presente na escola, a maneira de como se deve utilizar o teatro é que ainda encontra-se de forma equivocada nos conceitos metodológicos dessas profissionais. O teatro não deve ser pensado apenas como complemento e recurso para exposição de um trabalho realizado ao longo de um determinado período, mas também como ferramenta diária do professor, sem expectativas de demonstrações de textos prontos para um público, apenas como forma de estimular a concentração em sala, a criatividade, imaginação, entre outros aspectos aqui já discutidos.

Reverbel traz uma reflexão que nos ajuda a entender a forma que o teatro é proposto nas instituições de ensino, tanto privadas, quanto públicas:

“Não há nada mais lamentável do que as tradicionais “festinhas de escola” ao final do ano. Dizemos lamentável porque normalmente são feitas em funções dos espectadores, e não das necessidades dos próprios alunos. Além disso costumam ter um caráter discriminatório, pois os alunos selecionados para a apresentação são aqueles que o professor considera mais talentosos ou que fazem parte de um meio econômico que lhes permite comprar roupas, fantasias e demais acessórios.” (REVERBEL, 1997.p.112)

O aluno deve sempre ser o centro de tudo, mas nem sempre isso deve ser entendido como sujeito de exposição, é importante a interação com a comunidade escolar, as apresentações teatrais fazem parte disso, porém não deve ser regra para a utilização do teatro.

QUADRO V		
Qual a reação das crianças ao propor o teatro durante a aula?		
Professoras	Creche Municipal	Escola Privada
1	“De alegria. A proposta é sugerida e elas vão incorporando os personagens, o enredo e se apropriando das histórias”.	“As crianças amam porque nosso alvo é vê-las brilhar, quando estão em estúdio gravando suas falas elas se realizam com o resultado final. Depois vem a escolha dos personagens, a construção e confecção dos cenários e figurinos com a participação delas. Valorizando cada uma, fazendo de forma divertida com que cada apresentação seja um sucesso”.
2	“Muito boa, as crianças gostam e ficam ansiosas com atividades que envolvem o corpo, as cores e a musicalidade”.	“Elas ficam encantadas, pois tudo se transforma em brincadeira que subtraímos um belo aprendizado”.
3	“A reação é sempre positiva, considerando os diferentes aspectos que envolve cada criança”.	“Aceitam muito bem, todos querem participar deste momento”.
4	“Ficam em total alegria, de poder compartilhar e fazer parte de algo tão interessante. A independência de escolher o personagem no qual irá apresentar. E ao mesmo tempo a concentração de ouvir e ver algo novo que naquele momento será apresentado para ele(a)”.	“A reação das crianças é de alegria ao ver o cenário, as cores, os personagens, elas participam, entram no mundo da imaginação, questionam, este momento para ela é mágico, é só olhar para o rostinho de cada criança a felicidade”.

Em total harmonia, a reação das crianças é positiva independentemente de sua situação econômica, ou instituição em que está inserido, a alegria, o entusiasmo são emoções evidentes em seus rostos. É uma opinião recorrente entre as professoras tanto da rede particular como da rede pública. O teatro provoca, estimula a imaginação, alegria, a surpresa sempre está presente em cada ato, seja de uma história desconhecida ou mesmo aquela que todos já

ouviram, pois cada um, cada ator tem uma maneira particular de expressar na sua visão, representar juntamente com sua personalidade.

“O teatro tem o poder de provocar e despertar o monstro adormecido no interior de quem pratica e de quem assiste, de abrir horizontes reflexivos, de dar alegria e tristeza, de desinibir o tímido, de dinamizar o apático. O teatro é forte porque explica o mundo que está em nossa volta através do divertimento, da análise e da crítica”. (CARTAXO, 2001.p.64)

Não se pode dizer que o teatro é apenas pra quem “nasce pra isso”, o teatro envolve os mais distantes das aptidões artísticas e envolve-os num mundo de fantasia onde todos tem a oportunidade de se expressar enquanto personagem ou ser real. É diante dessa arte que nossas emoções são expressadas e refletidas, o teatro além de provocar essa tempestade de sentimentos, amor, ódio, compaixão, tristeza, alegria, medo, surpresa, ele também tem suas funções sociais, valorizando assuntos tanto contemporâneos, quanto temas antigos. Enfim, a arte de representar é uma forma bela de viver a arte, e viver a arte de educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, realizamos um resgate bibliográfico abordando autores diversos através da pesquisa de campo realizada em duas unidades de ensino, sendo uma privada e outra pública, tivemos a oportunidade de entender o significado da utilização do teatro na educação infantil.

A partir de autores estudados, foi possível deleitar com um breve histórico da educação infantil em seu percurso político e de que maneira pensadores renomados contribuíram para o processo de consolidação da educação infantil como base de um processo educativo e para a valorização da criança como ser pensante, de direito e atuante na sociedade. Sendo assim, é oportuno concluir que a criança além de direito a educação, saúde entre outros, ela também deve ter qualidade em tudo que lhe é oferecido.

No que refere-se ao tema teatro, constatou-se que o corpo é um instrumento de expressão de emoções e comunicação, seja social ou artística. Assim é possível afirmar que o movimento do corpo acontece também de forma natural, desde o nascimento o homem se utiliza dele para demonstrar desejos, comunicar-se, expressar-se com o mundo externo, é a maneira que a criança usa para entender o que existe em sua volta.

É importante frisar que este estudo sobre o teatro na educação infantil proporcionou meios para compreender como as professoras reconhecem o teatro como recurso pedagógico. Diante das repostas retiradas da pesquisa realizada nas duas instituições de ensino podemos observar, de forma geral, que na voz da maioria das educadoras o teatro é uma ferramenta importante para as aulas voltadas a educação infantil, possibilitando o desenvolvimento da criança em vários aspectos, cognitivos, motores, instigando o gosto pela leitura e o prazer pela arte, apresentando assim, interesse amplo para as aulas proposta pelos professores. Entretanto em alguns momentos as educadoras divergem em suas respostas, o que é natural já que cada profissional tem sua própria visão das atividades trabalhadas.

Portanto, em nossas considerações finais, defendemos a intenção do uso do teatro, não apenas como uma simples forma de culminar um projeto pedagógico, ou lembrar de uma data comemorativa anual, o teatro vai além, a ideia é que a arte cênica seja utilizado também em sala de aula, como um recurso pedagógico, da mesma forma que o livro, o quadro negro, tem sua importância e utilidade diária, o teatro também deve ter. Assim, é possível afirmar que apesar do teatro já está presente nas atividades pedagógicas, ainda é preciso expandir

mais, ou melhor, é necessário que o teatro seja reconhecido como “objeto direto no processo ensino aprendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado; 1988.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. 7. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: Pra quê te quero?. In: CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: Pra quê te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CARTAXO, Carlos. **O ensino das artes cênicas na escola fundamental e média**. Ed. UFPB, João Pessoa: 2001.

CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis E. Educação Infantil e as Novas Definições da Legislação. In: _____ **Educação Infantil: Pra quê te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FELIPE, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: Pra quê te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: Pra quê te quero?**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GAIGHER, Núccia. **Teorias do desenvolvimento** – Henri Wallon. 2008. Retirado de: <http://psicologandonanet.blogspot.com.br/2008/03/teorias-de-desenvolvimento-henri-wallon.html>. Acessado em: 10/05/2015.

GOMES-DA-SILVA. Pierre Normando. A corporeidade do movimento: Por uma análise existencial das práticas corporais. In: HERMIDA. Jorge Fernando, ZOBOLI. Fabio (orgs.). **Corporeidade e educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 139-174.

INFOESCOLA. **Commedia Dell'Arte** <<http://www.infoescola.com/teatro/commedia-dellarte/>>Acessado em: 08/06/2015, às 20:40.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARAFON. Danielle. **Educação infantil no brasil: um percurso histórico entre as idéias e as políticas públicas para a infância**. Retirado de: www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/.../ZjxYEbbk.doc. Em: 15/01/2015.

NUNES, Camila da Cunha, LAMAR, Adolfo Ramos, CARTIER, Eduardo. Corporeidade, educação e autonomia. In: HERMIDA. Jorge Fernando, ZOBOLI. Fabio (orgs.). **Corporeidade e educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 175-190.

PIAGET, Jean, 1896-1980. **Seis Estudos de Psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva – 25.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

PORTALEDUCAÇÃO. **Histórico do Desenvolvimento da Infância desde a Idade Média até os Dias de Hoje.** 2013. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/26666/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje#!4#ixzz3G42t1EBe>. Acessado em: 08/01/2015.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REVERBEL, Olga. **Teatro na escola.** São Paulo: Scipione, 1997.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos, Coleção Estudos, 62. n. Perspectiva, 2003.

ANEXO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
ALUNA PESQUISADORA: THAISA RAQUEL CABRAL DE FRANÇA

Pesquisa com os professores da Educação Infantil em relação às contribuições e desafios diante da utilização do teatro como ferramenta de ensino. O questionário subsidiará o Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “O Teatro e suas possibilidades no desenvolvimento da criança da Educação Infantil”.

1. De que maneira o teatro contribui no desenvolvimento da criança?
2. É possível unir o teatro aos conteúdos pré-estabelecidos pela instituição infantil?
3. De forma geral, quais desafios são encontrados durante a aplicação dessa metodologia?
4. De que maneira a Instituição de ensino oferece subsidio ao professor para que seja trabalhado o teatro de forma pedagógica?
5. Qual a reação das crianças ao propor o teatro durante a aula?